

Coleção Aventuras Grandiosas

Bram Stoker

DRÁCULA

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

2ª edição

 **EDITORIA
RIDEEL**

CAPÍTULO 1

A primavera soltava todos os seus pássaros e abria todas as suas flores na Inglaterra. Os casais de namorados passeavam felizes à sombra das árvores centenárias de Whitby, uma pequena cidade ao sul do Reino Unido, mas Jonathan Harker e sua noiva Mina não estavam felizes.

Ela estava **APREENSIVA**, Jonathan estava se despedindo porque deveria ir à região da Transilvânia, na Romênia, extremo leste europeu. Para ele a viagem significava uma ótima oportunidade profissional. Precisava de dinheiro para se casar com Mina e, se conseguisse fechar o negócio com um rico nobre na Romênia, seria promovido na imobiliária onde trabalhava.

Mina sabia que a viagem de negócios poderia trazer muitos benefícios financeiros para os dois, mas mesmo assim **PRESENTIA** que alguma coisa não estava certa. Seu noivo prometeu que escreveria todos os dias para ela e que em duas semanas estaria de volta. Mesmo assim, ela chorou muito quando Jonathan se foi.





De Whitby ele tomou um trem para Londres. De navio, o noivo de Mina atravessou o canal da Mancha e chegou à França, onde tomou um trem rumo à Hungria, e, progressivamente, os trilhos o levavam aos **CONFINS** da civilização europeia. Em Budapeste, Jonathan teria de pegar uma diligência para cruzar paisagens distantes que o levariam ao Castelo do Conde Drácula.

Em sua bagagem, Jonathan levava as **ESCRITURAS** de várias propriedades que seu cliente estava por adquirir nos arredores de Londres. Assim que o conde assinasse a papelada, ele estaria livre e poderia voltar para a Inglaterra. Na estação de trem de Budapeste, Jonathan recebeu uma carta do conde:

Bem-vindo aos Cárpatos. Espero ansiosamente por você. Tome a diligência de Bukovina às 3 h da manhã e desça num local conhecido como Desfiladeiro Borgo, onde minha carruagem o estará esperando e o trará até mim. Faça uma boa viagem e aproveite sua estada em minha bela terra.

Drácula.

Quando amanheceu, Jonathan pôde ver pela janela que aquele território distante era muito diferente da Inglaterra. O solo era pedregoso e quase sem vegetação. O ar primaveril era gelado, e sua diligência seguia numa estrada tortuosa, em direção às altas montanhas dos Cárpatos, que pareciam espetar o céu cinza. Ao redor da cadeia de montanhas, nuvens de chumbo enegreciam o sol da tarde, causando um arrepio na coluna de Jonathan.

-  **APREENSIVO**: preocupado, receoso
-  **PRESENTIR**: prever com sentimentos
-  **CONFINS**: extremos, fronteiras
-  **ESCRITURA**: documento autêntico de um contrato



Os outros passageiros da diligência eram **CAMPESINOS** simples e amigáveis. Ao anoitecer, Jonathan perguntou a um dos passageiros se ele sabia alguma coisa sobre o Conde Drácula. O homem não entendia inglês, mas, ao ouvir a palavra Drácula, arregalou os olhos e fez o sinal da cruz. Jonathan tentou falar com ele em alemão, mas o homem respondia num idioma estranho, que lembrava o latim. Uma garota na diligência falava um pouco de alemão e perguntou a Jonathan:

— Para onde você está indo?

— Vou para o castelo do Conde Drácula. Você o conhece?

A garota traduziu para os outros o plano de Jonathan e todos ficaram surpresos.

— Não vá, por favor — ela disse num sussurro, o rosto aterrorizado.

— Mas por quê?

— Porque você corre grande perigo, forasteiro. Você sabe que dia é hoje?

— Hoje é 4 de maio, por quê?

— Hoje é a véspera do dia de São George. Hoje, à meia-noite, todas as coisas más passeiam pelo mundo. Você corre grande perigo. Não vá, não vá!!

Jonathan tentou falar alguma coisa para acalmar a garota, mas ela se ajoelhou, implorando para que ele não fosse. A situação parecia ridícula para o jovem inglês, mas ele manteve a calma, levantou-a e disse com seriedade que precisava ir. Ela secou suas lágrimas, retirou um crucifixo do pescoço e ofereceu a Jonathan.


Como **ANGLICANO**, Jonathan não tinha o costume de usar tais penduricalhos, mas, dadas as circunstâncias, não poderia contrariar aquela garota. Mesmo notando a hesitação de Jonathan, ela colocou o rosário envolta do pescoço do rapaz.

— Use isso, se não por você, por sua mãe.

Logo após esse episódio a diligência parou e o deixou no Desfiladeiro Borgo. Sozinho no escuro, Jonathan escreveu em seu diário:

Agora que a diligência se foi, sinto uma certa angústia. Aquela garota parecia falar sério e eu não sei até que ponto toda essa história de coisas más é verdade ou apenas superstição de uma camponesa. Por via das dúvidas, ainda estou usando o crucifixo enquanto escrevo este diário. A noite me envolve e ouço lobos uivando ao longe. Tenho medo. Se essas anotações chegarem à minha doce Mina antes de mim, gostaria de dizer adeus ao meu amor. Porque a carruagem se aproxima.

 **CAMPESINOS:** pessoas pertencentes ao campo

 **ANGLICANO:** membro desta religião de origem inglesa



CAPÍTULO 2

Continuando a leitura do diário de Jonathan, temos muitas surpresas:

A carruagem do conde chegou, e o cocheiro rapidamente me cumprimentou com um aperto de mão tão forte que pensei ter quebrado alguns dedos. Em seguida ele pegou minha mala e fez um gesto para que eu entrasse na carruagem.

Segundos depois os seis cavalos negros como o carvão marchavam acelerados pelo Desfiladeiro Borgo. O cocheiro deveria ser suicida, pois não temia as traiçoeiras curvas da estreita passagem entre altas montanhas. No interior da cabine eu me sentia como num bote em plena tempestade marinha. À medida que os cavalos subiam a montanha, eu tinha a impressão de que estávamos voando, pois dava para avistar o branco da neblina borrando a paisagem do vale lá embaixo. Eu não sabia o que era pior: ficar sozinho naquele local **ERMO** ou estar dentro daquela carruagem guiada por um maluco.

As dúvidas de Jonathan terminaram quando ele chegou no castelo. As altas paredes de pedra do castelo conferiam ao local um tom **SOLENE** e antigo. A carruagem deixou Jonathan em frente ao grande portão da fortaleza do conde e se foi. Jonathan subiu alguns degraus em direção à entrada, quando Drácula abriu a **VASTA** porta de seu castelo.

Do lado de fora Jonathan estava **PERPLEXO**. Era uma porta de madeira maciça, tinha dois metros de largura e quatro de altura, mas parecia se mover levemente para dentro do castelo, deixando vaziar, aos poucos, a pesada atmosfera das paredes de pedra mordidas pela luz de vários candelabros acesos no saguão principal.





— Seja bem-vindo ao meu belo castelo, senhor Jonathan Harker. Entre livremente, sinta-se à vontade e deixe aqui um pouco da felicidade que você carrega.

O aperto de mão dele foi tão forte e lembrava tanto o modo com que o cocheiro o cumprimentara, que Jonathan chegou a pensar que pudessem ser a mesma pessoa. Por isso, o inglês não sabia o que dizer, parecia hipnotizado pela figura do conde. Até que se lembrou das formalidades:

— Prazer em conhecê-lo, você deve ser o... Conde Drácula?

— Sim! Eu sou Drácula. Você deve estar cansado. Entre, a mesa está posta para a sua refeição.

O conde pegou a bagagem de Jonathan e seguiu pelo saguão do castelo, iluminando o caminho com um lampião de prata. Jonathan foi atrás. Chegou a pro-

-  **ERMO**: distante, remoto
-  **SOLENE**: formal, pomposo
-  **VASTO**: grande, imenso
-  **PERPLEXO**: espantado, admirado



testar dizendo que poderia levar as malas, mas Drácula o calou com um gesto e depois disse que, como era tarde, seus serviçais estavam dormindo e que por isso ele se encarregaria dos pertences do hóspede.

Seus sapatos pisavam o chão de pedra e o som ecoava nas paredes do castelo. Chegaram a uma porta pesada que Drácula abriu com facilidade. Do outro lado, Jonathan pôde ver uma ampla mesa dominando o centro do salão oitavado. Pratos de ouro estavam postos para a ceia.

— Por favor, senhor Harker. Sente-se e sirva-se. Perdoe-me por não me juntar a você, mas eu já jantei e, além disso, eu não como... frango.

Jonathan sentia uma estranha vibração na presença do conde. Alguém o atemorizava. Enquanto o inglês comia, o conde leu para ele uma carta enviada pelo chefe do escritório em Londres. Na carta, o senhor Hawkins elogiava a competência, honestidade e lealdade do funcionário Jonathan, além de conceder ao conde **AUTONOMIA** para dar tarefas ao inglês. Hawkins agiu assim para agradar seu cliente, pois não queria perder aquele negócio por nada.

Jonathan achou meio exagerada a oferta de seu patrão Hawkins, mas nada disse. Estava muito cansado e precisava dormir. Drácula então o levou ao seu **APOSENTO**:




— Descanse bem, senhor Harker. Eu o vejo amanhã após o anoitecer.

É claro que Jonathan achou estranho o fato de o conde não querer vê-lo pela manhã, no almoço ou à tarde. Mas preferiu não falar nada. Tudo era estranho naquela terra mesmo, e talvez o conde tivesse algum compromisso durante o dia. Assim, Jonathan se deitou e instantes depois já estava sonhando.

CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte Jonathan acordou e por um momento não sabia onde estava, mas ao sair da cama viu as paredes de pedra do castelo e se lembrou de tudo. Caminhou até a janela e testemunhou a grande altura do prédio. Estava realmente nos Cárpatos, fracas nuvens brancas e um pequeno rio verde cruzavam o vale lá embaixo.

Surpreso com a altitude do local, Jonathan saiu da janela e seguiu por um longo corredor. Quando chegou na sala em que jantara na noite anterior, seu **DESJEJUM** já estava servido. Após comer, Jonathan resolveu passear pelo castelo. Achou estranho que todas as portas que tentasse abrir estivessem fechadas e que

-  **AUTONOMIA**: poder, direito
-  **APOSENTO**: quarto de dormir
-  **DESJEJUM**: a primeira refeição do dia; café da manhã



durante mais de meia hora caminhando não tivesse passado por nenhum criado. “Será que o conde vivia sozinho?”, Jonathan se perguntava, quando finalmente chegou ao que parecia ser um escritório ou a biblioteca do castelo.

A sala estava cheia de livros, muitos deles sobre a Inglaterra. Uma das paredes era coberta com um imenso mapa do país. Havia um círculo vermelho em torno de Londres e outro em torno da cidade litorânea de Whitby, de onde Jonathan partira e onde se encontrava sua noiva Mina.

Ao lembrar dela o jovem sentiu muita saudade e jurou que logo estaria de volta. Depois se entretteve por horas folheando jornais e lendo livros do conde até dormir, sentado numa confortável poltrona. Seu sono foi cortado pelo uivo dos lobos. Jonathan acordou assustado. A sala estava escura, já havia anoitecido.

– Vejo que encontrou meu pequeno tesouro sobre a Inglaterra – disse o conde a um canto da sala, arrancando arrepios da pele de Jonathan.

– Sim, eu... eu dei uma volta por aí e... entrei aqui na biblioteca, comecei a ler e devo ter dormido...

– Ora, não se preocupe, meu jovem. Diga-me, você já leu algum desses livros sobre a Inglaterra?

– Sim, eu li alguns deles na escola e outros por diversão.

– E você gosta do seu país.

– Eu amo a Inglaterra, conde.

– Ótimo, meu rapaz. Assim você não terá problemas para me ensinar.

– Conde, perdoe minha ignorância, mas ensinar o quê?

– Preciso aprender inglês.

– Mas o senhor já fala inglês muito bem.

– Não basta! Preciso sabê-lo perfeitamente e sem sotaque. Preciso aprender também sobre seus hábitos e costumes, e você será meu professor, senhor Harker.

– Mas conde, eu sou um agente imobiliário, não sei **LECIONAR**.

– Não se **MENOSPREZE**, senhor Harker. O senhor é um jovem culto, de boa formação. Além disso, seu chefe me **OUTORGOU** poderes para que você trabalhasse para mim. Então, pare de reclamar e mãos à obra. Escreva duas cartas, uma para sua família e outra para sua firma, informando que o senhor está feliz aqui e que permanecerá em meu castelo durante um mês.

Mesmo contrariado com aquele absurdo, Jonathan achou melhor fazer como o conde mandava. Afinal não queria perder seu emprego. Quando terminou as cartas, ele as entregou para o conde que as leu, selou e disse:

 **LECIONAR:** ensinar

 **MENOSPREZAR:** depreciar

 **OUTORGAR:** dar poderes

– Muito bem, senhor Harker, estou orgulhoso. Tenha uma boa-noite.

Antes que Jonathan pudesse falar qualquer coisa, o conde já havia desaparecido na meia-luz da biblioteca. Jonathan voltou para o quarto. Estava furioso por dentro. Na pressa, mal pôde escrever para Mina, que certamente acharia muito estranho o prolongamento da viagem explicado com palavras tão breves. Era uma situação estranha. Durante o dia Jonathan não via ninguém e não tinha acesso a quase nenhum lugar do castelo. À noite, o conde aparecia, e sua presença não fazia nada bem para o inglês.

Naquela noite, não dormiu bem. Permanecer mais trinta dias longe de Mina e naquele local bizarro não estava em seus planos. Por isso ele percorreu todo o interior do castelo, tentando achar uma saída, mas todas as portas estavam fechadas, confirmando a suspeita de Jonathan: era um prisioneiro **INVOLUNTÁRIO** do Conde Drácula.

Cansado, ele se recolheu ao quarto. À noite, o conde apareceu e contou-lhe sobre seus antepassados, a **ORDEM** dos Dracul, homens de imensa coragem que lutaram em muitas batalhas no passado. Novamente o conde não comeu, e os hábitos do nobre a cada dia intrigavam mais o isolado Jonathan.

Para piorar, na noite seguinte, o inglês estava se barbeando em seu quarto com a ajuda de um pequeno espelho que por sorte trouxera da Inglaterra, pois no castelo não havia um espelho sequer, quando ouviu um barulho estranho. Ao se voltar para trás, Jonathan topou com a figura **ALTIVA** do conde. No susto, Jonathan cortou a bochecha com a navalha e um filete de sangue brotou em seu rosto.




Ao ver o sangue, o rosto branco do conde se iluminou, e suas mãos e unhas pontudas rumaram para o pescoço de Jonathan. O inglês não sabia o que fazer. Aquela figura alta e vestida com uma capa negra não parecia humana. Quando Jonathan se virou, o conde gritou, cobrindo os olhos com o braço.

– Args, você está usando um crucifixo!

– Sim, eu...

Jonathan interrompeu sua frase quando olhou de relance para o espelho e constatou que a imagem do Conde Drácula não era refletida por ele. “Será que ele é um fantasma?”, pensava apavorado.

Drácula percebeu a curiosidade de Jonathan, pegou o espelho e em seguida o arremessou pela janela. A pequena superfície de vidro polido desapareceu na escuridão da noite e naufragou na altura do castelo.

-  **INVOLUNTÁRIO**: contrário a sua própria vontade
-  **ORDEM**: confraria, classe
-  **ALTIVA**: nobre, elevada, alta



— Não acredite em superstições bestas como crucifixos, eles trazem azar! E tampouco use espelhos! Eles não servem para nada. São obras da vaidade humana. Por causa deles você acabou se cortando, senhor Harker.

— Mas agora já estou bem, conde.

— Tome cuidado, senhor Harker. Sangue é algo muito precioso nesses dias.

Após adverti-lo, Drácula se virou e saiu do quarto.

Com medo de dormir, Jonathan passou o resto da noite pensando numa forma de fugir do castelo. Um pouco antes do amanhecer, ele viu pela janela uma criatura em forma de lobo, mas vestida com as roupas do conde, entrar no castelo após ter escalado parte de suas paredes. Em seu diário Jonathan escreveu:

*Será que eu vi mesmo essa criatura ou será que estou começando a ver coisas? Preciso sair desta prisão **MEDIEVAL** e voltar à Inglaterra, antes que eu enlouqueça.*


CAPÍTULO 4

Assim que amanheceu, Jonathan percorreu várias passagens no setor leste do castelo, sem conseguir **VISLUMBRAR** nenhuma possibilidade de fuga. Cansado, foi à biblioteca atualizar seu diário e organizar seus pensamentos. Temia nunca mais voltar a ver seu amor. Por isso, após o descanso, pôs-se a **VASCULHAR** a ala oeste, onde, após dezenas de portas e janelas trancadas, encontrou um luxuoso quarto com a porta entreaberta.


A descoberta o animou e ele vasculhou os móveis do quarto em busca de chaves ou alguma ferramenta que o pudesse ajudar a escapar. Como não encontrou nada, resolveu deitar-se um pouco e descansar, afinal não tinha dormido quase nada na noite anterior e aquela cama parecia bem maior e mais confortável do que a do seu aposento. Deitado na cama ele lembrou da recomendação do conde: “Senhor Harker, não utilize nem durma em nenhum outro cômodo deste velho castelo. Para sua segurança, restrinja-se ao seu aposento”.

— Que velho **MUQUIRANA**, esse conde. Uma suíte maravilhosa dessas no castelo e ele me manda para o alto da torre, num quarto pequeno e frio!

Com um sorriso na boca, Jonathan se deixou adormecer e dormiu pesado por horas carregadas de sonhos, até que acordou ouvindo vozes femininas...

 **MEDIEVAL**: relativo à Idade Média

 **VISLUMBRAR**: entrever

 **VASCULHAR**: pesquisar, investigar

 **MUQUIRANA**: avaro, pão-duro

- Ai, ele vai ser meu...
- Não mesmo, vai ser todo meu...
- Vocês duas estão enganadas, esse garoto é todinho meu...

Quando se virou na direção de onde vinham as vozes, Jonathan viu três mulheres lindíssimas. Duas tinham longos cabelos negros cacheados e narizes **AQUILINOS** como o do conde. Seus olhos eram aprisionantes e avermelhados. A terceira mulher tinha longos cabelos dourados e olhos que pareciam safiras pálidas. Por trás delas brilhava uma lua amarelada na janela, e o vento entrava balançando suas roupas de seda lisa.

Em seu diário, Jonathan escreveria dias mais tarde:

*Nas três belas mulheres, chamavam a atenção os dentes muito brancos que reluziam contra o vermelho **VOLUPTUOSO** de seus lábios. Em meu coração inquieto, eu sentia que aquelas mulheres eram o demônio, mas em minha pele eu as desejava ardentemente. Talvez eu não devesse escrever isso aqui, pois um dia estas palavras poderão encontrar os olhos de Mina, fazendo-a sofrer, mesmo assim esta é a verdade e não posso omiti-la.*

Com voracidade as três vampiras começaram a tocar e a beijar Jonathan, susurrando palavras de uma língua estranha nos ouvidos dele e sorrindo de modo prazeroso. Jonathan parecia hipnotizado, incapaz de reagir, mesmo quando a loira disse:

- Eu serei a primeira e depois vocês vêm comigo.
- Ele é jovem e forte e tem energia para todas nós!

Jonathan estava extasiado, sentindo as lambidas e beijos das vampiras. Mas quando a loira fez um movimento insinuante com a cabeça, jogando os cabelos para o lado, Jonathan percebeu que ela movia a língua pelos lábios como um animal e, ao luar, seus caninos brilhavam pontiagudos.

Em seguida ela se curvou e começou beijar o canto da boca do inglês, escorregando os lábios para o pescoço do rapaz. Jonathan sentia o hálito quente da vampira e apenas esperava **INERTE**, como um ratinho espera o bote de uma **VÍBORA**. A língua dela umedeceu a pele do pescoço de Jonathan e sua aorta pulsava com **ELOQUÊNCIA**. Com uma calma toda feminina, a vampira encostou as pontas de seus caninos e também suas unhas afiadas na garganta do rapaz e esperou, como se estivesse saboreando o momento antes de completar a mordida.

- 🦇 **AQUILINO**: curvo
- 🦇 **VOLUPTUOSO**: sensual, deleitoso
- 🦇 **INERTE**: sem atividade
- 🦇 **VÍBORA**: cobra, serpente
- 🦇 **ELOQUÊNCIA**: modo convincente de se expressar





Porém, antes que ela afundasse os dentes nele, uma sensação de nudez o varreu, e ele se viu na frente do Conde Drácula que, irado, arrancava a vampira de cabelos claros de cima de Jonathan e gritava com suas servas:

— Eu avisei a vocês que este homem pertence a mim até segunda ordem! Eu lhes disse que quando não precisasse mais dele eu o entregaria a vocês! Mas vocês me desobedeceram! Vocês ousaram se apoderar do que é meu!

Ouvindo a **VEEMENTE** reclamação de seu mestre, as três vampiras se ajoelharam em volta de Drácula implorando perdão e dizendo que não tiveram culpa, pois foi o inglês que havia entrado no aposento delas.

— Além disso, temos muita fome, mestre! O que vamos comer hoje? — disse uma delas, enquanto as outras apontavam para um saco que o conde carregava na mão esquerda.

De alguma forma, Drácula **PREZAVA** suas servas. Com um sorriso, o monstro falou:

— Não me esqueci de vocês, criaturas da noite. Tomem seu jantar e não ousem me desobedecer nunca mais.






Aos gritos as três avançaram sobre a sacola, onde chorava um indefeso bebê de colo, e essa cena chocante e **HEDIONDA** fez com que Jonathan desmaiasse.

CAPÍTULO 5

Após aquela noite de horrores, Jonathan acordou trêmulo. Achava incrível que o conde ainda o tivesse poupado e resolveu não dar mais chance ao azar. Durante o dia o castelo continuava vazio. Por isso Jonathan teve a ideia de descer o máximo de escadarias possível para chegar ao térreo do castelo e tentar achar alguma janela aberta.

Contudo, após horas de busca, forçando centenas de portas e janelas, nenhuma delas estava aberta e pareciam muito fortes para serem arrombadas. Além disso, Jonathan temia que, ao tentar arrombar uma porta, o conde ou um serviçal aparecesse e descobrisse sua intenção de fugir.

Quando já estava cansado de procurar, Jonathan encontrou uma passagem que levava aos porões do castelo. O lugar era escuro e o ar **RANÇOSO**. Mesmo assim, o inglês pegou uma tocha na parede e decidiu **VERIFICAR** o porão. Assim

-  **VEEMENTE:** impetuoso, enérgico
-  **PREZAR:** gostar, admirar
-  **HEDIONDO:** repulsivo, imundo
-  **RANÇOSO:** bafiento, mofento
-  **VERIFICAR:** investigar

que adentrou na escuridão, um bando de morcegos instantaneamente revooou contra a luz da tocha. Jonathan se agachou junto à parede de pedra. Seus pelos se arrepiaram e ele segurou um grito de susto.

Após os morcegos passarem por ele, Jonathan caminhou mais alguns metros. O chão estava todo esburacado. Havia algumas caixas abertas, cheias de terra dentro e várias caixas e caixões já fechados espalhados pelo solo úmido. Em todos eles havia a inscrição: PARA CONDE DRÁCULA, CARFAX ABBEY, LONDRES, INGLATERRA. O endereço era de uma das propriedades que o conde havia comprado no Reino Unido.

Abrindo a tampa de um dos caixões, Jonathan reconheceu uma das vampiras morenas da noite anterior. Ela tinha manchas de sangue nos lábios. Em outros dois caixões o inglês achou as outras duas vampiras. Elas pareciam mortas, muito pálidas e imóveis. No quarto caixão, jazia o Conde Drácula. Um **CALAFRIO** percorreu a espinha de Jonathan ao ver o monstro deitado. Ao lembrar-se da brutalidade do banquete na véspera, uma raiva tomou conta de Jonathan e ele pegou uma pá que estava escorada na parede e bateu com toda sua força no peito de Drácula. O vampiro nem se mexeu.

Quando Jonathan se preparava para golpeá-lo de novo, Drácula abriu os olhos e sorriu. Jonathan largou a pá e saiu correndo no escuro do porão, sem a tocha. Nunca o inglês correu tanto em sua vida, subia as escadarias e se enfiava nos corredores do castelo como se o mundo fosse acabar. Quando chegou no seu quarto, Jonathan foi para a janela. A tarde acinzentada lá fora indicava que dentro de algumas horas já seria noite. Se quisesse escapar, teria de sair dali durante o dia, já que o conde tinha hábitos de morcego, dormindo de dia e saindo apenas à noite.

Rapidamente, pegou um casaco, seu diário, a foto de Mina, colocou numa sacola em volta do pescoço e se dependurou na janela. Seu pé esquerdo escorregou e uma pequena pedra se despreendeu da parede externa da fortaleza. Jonathan olhou para baixo e viu a pedra levar uns dez segundos para atingir o solo. O castelo era realmente muito alto e Jonathan sabia que poderia morrer ao tentar escalá-lo, mas mesmo a morte era melhor do que ser prisioneiro de Drácula. Jonathan precisava voltar à Inglaterra e contar a todos sobre a ameaça que Drácula representava.



CAPÍTULO 6

Na bela cidade de Whitby, Mina e sua amiga Lucy passeavam perto do oceano. O verão havia começado há pouco, mas Mina estava muito triste:

— Lucy, estou muito preocupada. Faz mais de um mês que Jonathan me deixou! Ele disse que ficaria ausente por uns quinze dias nessa viagem de negócios... No começo ele escrevia todos dias e de uma forma muito detalhada e amorosa, mas sua última carta, que chegou uma semana atrás, era bem curta e pouco **AFETUOSA**. O que terá acontecido, amiga?

— Mina, você acha que ele encontrou outra mulher na Transilvânia?

— Não, Lucy. Eu confio em Jonathan, ele é tão sério... Meu coração diz que algo muito grave aconteceu. Já entrei em contato com a família dele e com seus colegas de trabalho, mas ninguém recebeu notícias. Já escrevi para o castelo onde ele está hospedado, mas não houve retorno. Não sei mais o que fazer, Lucy!

Vendo as lágrimas **IRROMPEREM** dos olhos de sua amiga, Lucy a abraçou e tentou reconfortá-la:

— Calma, Mina. Ele está bem, eu sinto isso e nós vamos achá-lo. Meu noivo Artur pode nos ajudar. Ele tem negócios no leste europeu e conhece muita gente lá. Hoje mesmo vou falar com ele.

Ao ouvir aquelas palavras de esperança, o rosto de Mina se iluminou um pouco e ela soltou um pequeno grito de animação.

— Obrigada, Lucy! Eu não sabia o que fazer, mas agora já estou bem melhor.

Com o humor renovado as duas seguiram o passeio, mas logo o tempo mudou e nuvens cinzas apareceram no leste do horizonte. As amigas, então, voltaram apressadas para a casa de Lucy. Quando chegaram lá, encontraram o doutor John Seward. E foi a vez de Lucy ficar preocupada:

— Olá, doutor, como está minha querida mãe? Diga-me, aconteceu alguma coisa?

— Ó Lucy, minha linda jovem, não se preocupe. Acabei de examinar sua mãe, e ela apresentou algumas melhoras. Mas seu coraçãozinho ainda está fraco, ela precisa de muito repouso e uma dieta leve. Cuide também para que ela não se preocupe e vamos torcer para que o tempo permaneça quente e que esta chuva que se aproxima seja passageira, pois seria bom para ela tomar ar fresco pela manhã.

John Seward era o médico da família Westenra há muito tempo. Era um profissional muito talentoso e humanitário. Todos gostavam dele, suas palavras eram



calmas e capazes de tranquilizar o ambiente. Mas, quando o doutor foi embora, a noite caiu e uma violenta tempestade despencou sobre a casa dos Westenra.

Pela janela de seus quartos, a cada relâmpago que cruzava o céu, Mina e Lucy viam um navio lutando contra os fortes ventos.

— Deus do céu, parece que vai se estraçalhar nos recifes! — disse Lucy muito nervosa.

— Lucy, vamos rezar pelos homens a bordo — disse Mina, pondo-se de joelhos.

As garotas fizeram suas preces por algum tempo e quando terminaram não conseguiram mais localizar o navio na escuridão do mar, por isso foram dormir.

Lucy acordou um pouco mais tarde na manhã seguinte. O dia estava todo nublado e ela estranhou que nenhuma gaivota estivesse gritando na **ORLA**. Quando desceu para tomar o café da manhã, estranhou que as janelas da casa estivessem todas fechadas. A cozinheira logo veio lhe informar que um navio tinha sido seriamente danificado pela tempestade e que agora estava encalhado nas **DOCAS** de Whitby.

— Alguém da tripulação se machucou na tempestade? — perguntou Lucy, temendo o pior.

— Senhorita Lucy, algo muito estranho se passa com esse navio! As pessoas estão falando que é um navio fantasma! Que não tinha tripulação! A marinha o examinou esta manhã, eu sei porque meu filho trabalha na força naval. Ele disse que só havia caixas no navio. Caixas parecidas com caixões funerários! E estavam todas cheias de terra! Isso tudo é muito estranho, senhorita Lucy.

— Realmente é. Mas deve haver uma explicação.

Mina, que havia descido junto com Lucy, olhou para a amiga com os olhos arregalados.

— O pior, senhorita Lucy, é que havia um grande cachorro no porão do navio. Meu filho disse que parecia um lobo rosnando no escuro. Os homens tentaram pegá-lo, mas ele mordeu um deles e sumiu na neblina que fez hoje bem cedo. Eu confesso que estou com medo, senhorita Lucy, por isso fechei todas as janelas assim que acordei.


— Mas, senhora Parker, está muito escuro aqui embaixo e minha mãe precisa de um pouco de ar fresco. Deixe de ser supersticiosa. Aquilo era apenas um cãozinho assustado. Trate de abrir as janelas, sim?


Com a cara torcida, a cozinheira atendeu ao pedido da filha de sua patroa.

Mais tarde, chegou a notícia de que o homem mordido pela criatura do navio morrera em decorrência dos ferimentos. Ao saber disso e de todo o resto da história, a senhora Westenra levou as mãos ao coração.

— Tenho medo desse lobo, dessa... criatura. Temo que ela cause algum mal a Lucy, pois minha filha é **SONÂMBULA**.

 **ORLA**: beira, margem

 **DOCAS**: carga e descarga de navios em um porto

 **SONÂMBULO**: pessoa que se levanta e anda durante o sono





- Calma, senhora Westenra, eu posso cuidar dela se a senhora quiser.
- Você faria isso, Mina? Você vigiaria Lucy para mim?
- Claro. Vou cuidar dela com olhos de águia.
- Que bom, Mina. Mas faça-me um favor. Feche as janelas do quarto e tranque também a porta. Promete?
- Claro, senhora Westenra, prometo.

Quando a noite caiu sobre Whitby, uma imensa lua cheia boiava no céu parcialmente coberto de nuvens que se movimentavam rapidamente, fazendo um jogo de luz e sombras cobrir as paisagens da cidade.

Após o jantar, Mina esperou que Lucy dormisse e trancou a porta e a janela, como a mãe de sua amiga havia pedido. Logo depois foi dormir. Alguns sonhos depois, Mina acordou assustada e com muito frio. Não lembrava, mas devia ter tido um pesadelo. Foi só quando se voltou para a cama de Lucy que percebeu que o “pesadelo” estava apenas começando.

A cama de Lucy estava vazia e as cobertas todas reviradas. Mina correu para a porta, mas ela estava fechada. Só então Mina sentiu o vento que vinha da janela completamente **ESCANCARADA**. Ela pensou em gritar, mas seria perigoso acordar a senhora Westenra. Ela ficaria muito nervosa e talvez seu coração não resistisse. Dessa forma, Mina vestiu uma capa e saiu pela janela, levando consigo um manto e agarrando-se no parapeito e nas beiradas da parede.

Seus pés tocaram a grama umedecida pelo sereno da madrugada. Ela olhou para o céu, onde nuvens rápidas continuavam a passar pela lua, alternando segundos de boa luminosidade com segundos de escuridão. “Onde estaria Lucy”, se perguntava Mina. Então lembrou que a amiga gostava muito de passear até o penhasco leste para ver o mar e os navios, por isso decidiu ir até lá, tomando o cuidado de não gritar o nome de Lucy para que a senhora Westenra não despertasse. Talvez a Lucy sonâmbula tivesse os mesmos hábitos da Lucy acordada.

Correndo, Mina subiu a colina que levava ao penhasco, se afastando da casa. Passou pela capela e pelo quieto cemitério atrás dela e logo pôde ver o penhasco e, para sua estranheza, viu Lucy vestida com seu melhor vestido de festas, branco, esvoaçando entre o mar e a montanha.

– Lucy! Lucy! – Mina começou a gritar e, quando estava a uns vinte metros da amiga, notou que algo peludo, longo e escuro estava curvado sobre Lucy. Ao ouvir os gritos de Mina, a criatura voltou sua cabeça. Ao luar, Mina detectou seu rosto muito branco e os olhos vermelhos. Uma onda de tensão queimou seu estômago e num instante a lua era coberta por nuvens.

 **ESCANCARADO:** aberto ao extremo

Mina aproveitou a escuridão para se esconder, e, quando a lua voltou a brilhar, Lucy estava caída na pedra fria do penhasco, seu vestido de luxo e seus cabelos ruivos balançavam em desordem. Mina correu até ela e a enrolou no manto, cobrindo seu pescoço. Lucy estava muito **PÁLIDA**. Mina calmamente a acordou de seu transe. Com os olhos entreabertos, a ruiva **BALBUÇIOU**:

— Mina... não fale nada para mamãe... ela vai ficar... muito... chateada.

Quando chegaram de volta ao quarto, Mina retirou o manto e, sob a luz de velas, notou que havia duas marcas vermelhas no pescoço de Lucy. Dois furos. Feridas abertas há pouco tempo. Antes que pudesse perguntar o que era aquilo, Lucy já estava dormindo.







Sem conseguir dormir, por boa parte da noite, Mina ficou pensando que talvez ela mesma tivesse provocado o ferimento com o alfinete do broche que usou para prender o manto.

CAPÍTULO 7

Mina cumpriu o prometido e por alguns dias não falou nada para a senhora Westenra. No entanto, Lucy adoeceu e a cada dia ia ficando mais frágil e descolorida. Seu coração batia, mas ela parecia uma morta-viva. O doutor Seward a examinou, mas não conseguiu detectar o que poderia estar por trás daqueles sintomas. Por isso contactou seu amigo, o **RENOMADO** doutor Van Helsing, especialista em doenças raras.

Mina estava cada vez mais **AFLITA**. Primeiro com o desaparecimento de seu noivo e agora com o mal-estar **SÚBITO** de sua melhor amiga. Quando chegou em casa, após uma triste visita à Lucy, Mina encontrou uma carta de Jonathan embaixo da porta. Imediatamente seu rosto se encheu de alegria. Só de ver a letra dele, seu coração disparou e ela rapidamente abriu o envelope, com cuidado para não rasgar a carta.

Já no primeiro parágrafo as lágrimas brotaram nos olhos dela. Jonathan estava num hospital na Hungria. Fazia várias semanas que estava lá, trazido por freiras que o encontraram, sujo, **FATIGADO** e ferido numa estrada da Transilvânia. Jonathan ficara desmemoriado por alguns dias e não lembrava quem era nem por que

-  **PÁLIDO**: branco, sem cor
-  **BALBUÇIAR**: falar hesitando, de forma baixa e imperfeita
-  **RENOMADO**: conhecido e respeitado
-  **AFLITO**: preocupado, atormentado
-  **SÚBITO**: repentino, inesperado
-  **FATIGADO**: muito cansado





estava no leste da Europa. Porém aos poucos foi se recuperando das **SEQUELAS** que os dias no castelo do Conde Drácula causaram. Agora já estava bem para viajar e pedia a Mina que o fosse buscar na Hungria.

Poucos dias após Mina embarcar ao encontro de seu amor, o doutor Van Helsing foi visitar Lucy:

– Como se sente, minha jovem?

– Estou muito cansada, doutor, e o pior é que a única coisa que faço é descansar nessa cama.

– Quando você começou a se sentir assim, Lucy?

– Faz uns dez dias. Tudo começou na...

– Começou na...?

– ... na manhã seguinte a um pesadelo que eu tive, doutor.

– Por favor, Lucy, conte-me esse pesadelo. Ele pode ser a chave para explicar sua enfermidade.

Lucy olhou seu médico. Helsing era um homem de sessenta anos, tinha olhos grandes, calmos e interessados. Lucy confiava nele e resolveu contar o acontecido:

– Eu sonhei que alguma coisa sussurrava nos meus ouvidos. Essa voz, essa força, puxava-me para fora da cama, para o penhasco do leste. Eu parecia adormecida, hipnotizada e não podia fazer nada além de obedecer a seus comandos.

– Essa força era invisível ou você podia visualizá-la?

– Eu podia! Era como uma criatura comprida, escura. Tinha olhos vermelhos e dentes pontudos e brancos.

Ao lembrar da cena, Lucy levou a mão ao pescoço coberto por um lenço. Helsing achou aquele gesto estranho e instintivamente abaixou o lenço, que revelou as duas marcas no pescoço da moça.

–Não! – gritou o médico –, não pode ser!! Preciso falar com o doutor Seward, querida. Não se preocupe, tudo vai ficar bem. Já tenho uma ideia sobre o mal que a aflige, mas preciso fazer uma pesquisa para me certificar.

Helsing pediu ao doutor Seward que ficasse de vigia no quarto de Lucy, porque ele passaria a noite consultando seus livros, estudando a doença da jovem. Helsing temia o pior, por isso era necessário que a bela ruiva ficasse sob observação até que ele pudesse voltar na manhã seguinte.

CAPÍTULO 8

Coube ao doutor Seward a tarefa de vigiar o sono de Lucy. Assim que a ruiva dormiu, o médico ficou de plantão, sentado numa poltrona do quarto dela. Helsing havia lhe sugerido que fizesse a **VIGÍLIA** armado, mas Seward achou que seria um exagero passar a noite no quarto de uma donzela com uma arma na mão. Em vez de uma espingarda, levou um livro, mas a história era muito monótona e o médico acabou dormindo na poltrona onde estava.

Minutos depois de Seward entrar no mundo de **MORFEU**, um morcego começou a bater na janela ao lado da cama de Lucy. A ruiva se remexeu na cama. Seus cabelos longos estavam esparramados no leito, contrastando com sua pele **ALVA**. O morcego continuou batendo e Lucy se virou novamente. Por fim, despertou.

Fascinada com a criatura, ela abriu a janela. Seward dormia profundamente. O morcego entrou no quarto parcialmente iluminado e se transformou no Conde Drácula. Os olhos de Lucy brilharam, e o conde, muito bem-vestido e **ALINHADO**, disse:

– Você me pertence, Lucy.

– Sim, mestre — disse Lucy, **HIPNOTIZADA** de desejo pela figura galante do conde.

Drácula então abriu sua capa negra por fora e vermelha por dentro e envolveu sua presa num abraço. Em seguida seu rosto se aproximou do de Lucy. Por um instante ele a beijou e ela se entregou aos braços dele, que percorreu o pescoço da moça com os lábios até achar suas suculentas artérias e cravar ali seus dentes **AGUÇADOS**.

Durante a mordida, Drácula sugava o sangue de Lucy. A garota ia ficando sem cor e o conde parecia se **REVIGORAR** a cada mililitro absorvido. Quando estava satisfeito, Drácula abandonou o corpo enfraquecido de Lucy que, sem forças, se **PROSTROU** nos lençóis de cetim. O vampiro então ergueu os braços e estes lentamente se transformaram em asas. Ele as sacudiu e em instantes encolheram junto com o resto do corpo dele, que retornou à forma de morcego e saiu voando pela janela.

- 🦇 **VIGÍLIA**: estado de quem fica acordado à noite
- 🦇 **MORFEU**: deus do sono
- 🦇 **ALVO**: branco, claro
- 🦇 **ALINHADO**: trajado com esmero e elegância
- 🦇 **HIPNOTIZADO**: estado mental provocado artificialmente; pessoa que se torna obediente ao seu hipnotizador
- 🦇 **AGUÇADOS**: afiados
- 🦇 **REVIGORAR-SE**: reenergizar-se, refazer-se
- 🦇 **PROSTROU-SE**: arqueou-se, curvou-se





Quando Seward acordou, na manhã seguinte, Lucy continuava atirada na cama, por cima das cobertas, e sua pele estava muito branca. Seward a tocou no braço e Lucy estava fria, quase morta. Imediatamente o médico enviou um telegrama ao doutor Helsing e outro a Artur, informando sobre o estado da garota.

Ao entrar no quarto, Van Helsing pensou que Lucy estivesse morta. Depois tomou o pulso dela e constatou que o coração ainda batia. Imediatamente ele disse para Artur **ARREMANGAR** sua camisa: iria tentar uma arriscada transfusão de sangue. Naquele tempo as transfusões muitas vezes levavam à morte, pois os médicos desconheciam todos os componentes do sangue e não dispunham de meios adequados para detectá-los. Mesmo sabendo dos riscos, Artur prontamente ofereceu seu braço.






Momentos depois ele olhava com os olhos grandes de esperança o fluxo vermelho deixar seu corpo, percorrer os **DUTOS** colocados por Helsing, e entrar em Lucy. Felizmente ela reagiu bem e logo o seu rosto começava a ficar **CORADO** novamente. Quando a moça se recuperou, Helsing teve uma conversa muito séria e particular com ela. Ordenou que ela usasse um colar formado por uma **RÉSTIA** de alho, que segundo Helsing ajudaria a afastar o mal que a estava matando e que mantivesse a janela fechada. Como não queria ser vista usando um colar fedorento, Lucy resolveu que dormiria sozinha.

À noite a senhora Westenra, que já não dormia direito desde que sua filha adoecera, ouviu um barulho estranho rondando a casa. Com alguma dificuldade na respiração e dores no peito ela foi ao quarto de Lucy e, ao entrar lá, presenciou algo que a deixou muito alterada. Lucy dormia como um anjo, mas o cheiro forte de alho no quarto irritou muito sua mãe. A senhora Westenra não acreditava muito nos métodos pouco científicos de Helsing e, quando viu a réstia de alho no pescoço de Lucy, teve um ataque de raiva e retirou o amuleto da garota, pensando que Helsing deveria ser substituído como médico dela, devido ao uso excessivo daquelas crendices.

Assim que tinha o colar em mãos, Westenra viu sua filha acordar. Com cara de sono, ela levou as mãos ao pescoço e deu falta do colar.

– Mãe, onde... onde está o colar que o doutor Helsing me...

Antes mesmo de concluir sua pergunta, a janela do quarto de Lucy se **ESPATIFOU**. Os pedaços de madeira e os cacos de vidro voavam pela cama e pelo piso do quarto. Um rosnado acompanhava a destruição e, entre os estilhaços que se rompiam da janela, uma cabeça de lobo começava a invadir o recinto.

-  **ARREMANGAR**: arregaçar as mangas
-  **DUTO**: mangueira, cano
-  **CORADO**: colorido, vermelho
-  **RÉSTIA**: corda entrelaçada
-  **ESPATIFAR**: fazer em pedaços

Ao ver aquela terrível criatura adentrar sua casa, a senhora Westenra levou as mãos ao peito. Seu coração não aguentara o susto e parara muito comprimido. Lucy gritava desesperadamente, sua mãe estava caída em meio aos destroços da janela e um enorme **CANÍDEO** mostrava suas garras para o cadáver dela.

Apavorada, Lucy se encostou contra a parede e viu a criatura se transformar em Drácula em questão de segundos. Em seguida, Lucy se acalmou, suas lágrimas secaram e ela rastejou até seu mestre. Drácula estava em pé, vestido de negro. Lucy se ajoelhou e abraçou suas pernas dizendo:

— Mestre, sou sua. O que você quer de mim?

— Ponha-se de pé, Lucy, minha criatura das trevas.

Lucy fez como ele mandou e o conde a beijou. Depois perguntou:

— Você quer ser minha para sempre, Lucy?

— Sim, mestre. Esse é meu maior desejo — disse a ruiva sem que seus olhos piscassem. Era como se estivesse hipnotizada.

Drácula sorriu e depois a envolveu em sua capa e sugou seu sangue até a última gota. Quando acabou, o corpo de Lucy caiu morto ao lado do de sua mãe, no piso destruído. Drácula se transformou em morcego e deixou o quarto das duas mulheres da família Westenra.

CAPÍTULO 9

Quando Lucy e sua mãe foram mortas, Mina estava na Hungria, resgatando seu amado Jonathan. Ao vê-la entrar no quarto onde repousava, Jonathan começou a chorar de modo nervoso. Ela o abraçou fortemente por muitos segundos. Jonathan ficara bastante estressado por tudo o que sofrera. Vários fios de seus cabelos branquearam devido aos maus momentos que passou, e ele parecia mais velho.

No entanto, a presença de Mina o animou e aos poucos ele foi recuperando a autoestima. No outro dia pediu Mina em casamento e, movidos pelas intensas emoções que haviam passado nos últimos meses, resolveram se casar lá mesmo, na Hungria, numa cerimônia relâmpago e em seguida já estavam num trem, de volta à Inglaterra.

 **CANÍDEO**: pertencente à espécie dos canídeos; cão





Chegando em Londres, Mina recebeu um telegrama que informava a morte de sua amiga e da mãe dela. O desespero tomou conta da senhora Harker, que imediatamente começou a fazer suas malas. Precisava ir a Whitby, falar com o doutor Seward, saber dos detalhes daquela notícia terrível. À noitinha, quando iam comprar as passagens, o jovem casal passou por um homem alto, vestido como um nobre, com uma capa negra que esvoaçava pelas calçadas de Londres.

Ao vê-lo o sangue de Jonathan se congelou e seu estômago queimou como um forno. Aquele era Drácula! Até então Jonathan não havia contado nada sobre os fatos estranhos ocorridos no castelo, nem mostrado seu diário a sua esposa, porque temia que ela pensasse que ele era louco. Na verdade Jonathan tinha dúvidas sobre a **AUTENTICIDADE** de tudo que se passara com ele. Mas ao ver o conde caminhando por Londres ele teve certeza.

- Mina, meu amor. Você viu aquele homem alto que passou por nós?
- Acho que todo mundo notou aquela figura estranha, Jonathan.
- Se você viu, então ele realmente existe! Não é fruto da minha imaginação.
- Do que você está falando, Jonathan?




Jonathan contou tudo a ela e depois mostrou seu diário. Mina ficou perplexa.

Enquanto isso, em Whitby o doutor Van Helsing convenceu seu colega Seward e Artur, o noivo de Lucy, de que o corpo de Lucy precisava ser **EXUMADO**. Assim ele provaria a eles que ela era uma vampira. A princípio os dois recusaram a ideia, mas Helsing mostrou estudos e **EVIDÊNCIAS** de que Lucy havia sido atacada por um vampiro, uma criatura que se alimenta de sangue, escravizando suas vítimas.

Naquela noite os três homens se dirigiram à tumba de Lucy Westenra. Artur segurava o choro, havia apenas alguns dias podia abraçá-la e pegá-la no colo. Depois ela ficou doente e ele deu seu sangue para que ela vivesse, mas ela morreu de forma brutal, sem uma única gota de sangue. Seward iluminava a lápide e Helsing forçava o mármore do túmulo com um pé-de-cabra. Em alguns minutos a tumba e o caixão estavam violados, mas, para surpresa deles, o caixão estava vazio.

– Como isso pôde acontecer, doutor Helsing? – gritava Artur, os olhos injetados de ódio. – Já sei, foram esses ladrões de corpos! Malditos ladrões de túmulos e cadáveres, que ardam no inferno!

– Calma, Artur – Helsing tentava acalmá-lo, mas o homem chorava compulsivamente. – Não foram ladrões de túmulos, foi ela mesma. Agora Lucy é uma vampira. Sai à noite para beber sangue. Não é hora de chorar, precisamos encontrá-la antes que ela faça alguma vítima. Vamos, ela deve estar por perto.

-  **AUTENTICIDADE:** verdade
-  **EXUMADO:** tirado da sepultura
-  **EVIDÊNCIA:** prova, certeza

Os homens se espalharam e começaram a procurar por Lucy nos arredores do cemitério. Helsing encontrou um garoto e reparou que ele tinha marcas de mordida no pescoço. Ao perguntar o que o garoto fazia no cemitério à noite, ele respondeu que esperava pela bela mulher de branco.

Helsing disse ao garoto que fosse para casa, quebrando o transe em que este se encontrava. Depois reuniu Seward e Artur naquele local, e ali esperaram pela volta de Lucy. Uma hora depois ela apareceu e, ao ver Artur, se dirigiu a ele, de modo muito **LASCIVO**:

— Meu amor, venha para mim. Artur, eu sou sua. Venha ser meu também.

— Lucy! Você está viva! Obrigado, senhor!

Artur deu um passo em direção a Lucy e Helsing gritou — Não! —, dando uma paulada na canela de Artur. Em seguida, o doutor retirou um grande crucifixo de sua maleta e o colocou em frente à Lucy, gritando com fé:

— Para trás criatura das trevas! Em nome de Deus eu ordeno que **RECUE**, demônio **VIL**.


Lucy deu alguns passos para trás e, sob o comando de Helsing, deitou em seu caixão. Imediatamente Helsing sacou uma grande estaca de sua maleta e num golpe firme e certo cravou o pedaço de madeira no peito da vampira. Ela gritou de dor e em sua boca era possível ver que seus caninos haviam se alongado, se transformando em presas. Uma gosma de sangue preto e fedorento espirrou do peito da ex-noiva de Artur. Suas feições, antes demoníacas, depois do golpe voltaram a ser belas e angelicais como quando Lucy era viva. Mancando, Artur foi até o corpo de seu amor e o abraçou, beijando o rosto de Lucy e dizendo adeus.

CAPÍTULO 10

No outro dia, Jonathan e Mina chegaram em Whitby e contaram tudo sobre Drácula a Artur, Seward e Van Helsing. O brilhante doutor leu o diário de Jonathan e decidiu que eles deveriam atacar Drácula em Londres. O monstro deveria estar morando na Carfax Abbey, endereço colado nas caixas que Jonathan vira no castelo.

— Contudo devemos agir com muita **CAUTELA** — disse Helsing. — Drácula não é humano. Ele é uma força do mal. Muitos anos atrás Drácula foi um excelente

 **LASCIVO**: sensual, libidinoso

 **RECUAR**: andar para trás

 **VIL**: reles, canalha

 **CAUTELA**: cuidado



guerreiro, mas, à medida que envelhecia, sentia sua força muscular, sua inteligência e sua agilidade diminuir. Por isso fez um pacto com o demônio. Este lhe concedeu, além da imortalidade, uma força equivalente a vinte homens, o dom da hipnose e habilidades incríveis: como comandar os ventos, a neblina e, **PASMEM**, transformar-se em morcego e lobo. Em troca Drácula foi condenado a viver apenas à noite e a ter de beber apenas sangue humano como alimento, levando muitas pessoas à morte, para a alegria de Satã.

— Nesse caso, estamos perdidos! Nunca conseguiremos derrotar alguém tão forte. Vamos procurar ajuda do Exército! — disse o **ALARMADO** doutor Seward. Van Helsing o **INTERPELOU** e rapidamente tratou de reanimar o grupo.

— Eles jamais acreditariam na gente! Embora seja realmente muito difícil derrotar Drácula, não podemos esquecer que ele está longe de seu território. Aqui na Inglaterra sua força diminui. Por isso ele trouxe cinquenta caixões com a terra demoníaca de seu castelo. É a terra que o faz forte. Temos que achar esses caixotes e destruí-los. Assim Drácula ficará fraco e poderemos derrotá-lo.

— Mas e se mesmo enfraquecido ele se transformar num morcego e fugir? — perguntou o doutor Seward.

— Bom, nesse caso, antes da transformação teríamos de usar crucifixos, água benta e alho. Além de muita fé em Deus e uma estaca do peito daquele monstro. Essas são nossas armas, cavalheiros. E então, vocês concordam em caçar e matar Drácula? Vocês estão comigo nesta **CRUZADA**?

— Sim, disse Jonathan — tenho muitas contas a acertar com esse **CANALHA**.

— Se meu marido vai, eu vou junto, doutor Helsing. Não o deixarei mais lutar sozinho contra essa força do mal.






— Por Lucy eu vou atrás desse bastardo até o fim do mundo! Juro que ele vai pagar em dobro tudo que causou a ela! — disse Artur Holmwood, muito emocionado.

— Como médico da família Westenra, eu tenho a obrigação de acompanhar vocês, amigos.

Também estava presente na reunião Quincey Morris, um amigo de Lucy e de Artur. Comovido com as declarações dos outros, ele disse:

— Se esta é a luta de meus amigos, esta é também a minha luta. Vamos destruir Drácula!

E todos deram as mãos e fizeram uma prece.

-  **PASMAR**: admirar-se, ficar estupefato
-  **ALARMADO**: preocupado, intrigado
-  **INTERPELAR**: dirigir a palavra
-  **CRUZADA**: expedição militar de caráter religioso
-  **CANALHA**: pessoa desprezível, de pouco valor

No dia seguinte, o grupo estava em frente ao casarão de Drácula nos arredores de Londres. O lugar parecia meio abandonado e o dia estava nublado. Lá fora a rua estava deserta e os caçadores arrombaram a porta da frente. Por sugestão de Jonathan, começaram a busca pelo porão da casa, já que no castelo era no subterrâneo que Drácula dormia. À medida que desciam, os velhos degraus de madeira **RANGIAM**, e o ar se tornava péssimo: imundo e fedorento. Como se só houvesse podridão naquele local escuro.

— Este fedor é o espírito de Drácula. Ele está podre por perto! — disse Van Helsing. A luz de uma vela iluminava seu rosto cheio de expectativas.

Quando a escadaria acabou, os homens ergueram suas lamparinas. Alguns ratos corriam pelo piso onde muitas caixas se espalhavam pelo chão.

— Encontramos! — gritou Quincey.

— Shhhhhh! Não vá acordar Drácula. Fique quieto — disse Helsing o repreendendo.




— Aqui só tem 29 caixas! Deveria haver cinquenta — disse Jonathan. — Eu vi cinquenta delas na Transilvânia, e as autoridades computaram cinquenta delas no navio abandonado em Whitby.

— Drácula é esperto — disse Helsing —, ele espalhou suas caixas em diversos locais para ter mais mobilidade. Precisamos nos dividir e procurar as 21 restantes. Mas antes, cavalheiros, vamos destruir estas aqui.

— É isso aí! Vamos acabar com essas caixinhas fedorentas! — exclamou Quincey com um riso maníaco na boca.

Os dias seguintes foram de buscas, Jonathan achou mais seguro que Mina permanecesse em casa. Ela queria ir, mas achou melhor **ACATAR** a decisão de seu marido; afinal, ele conhecia os horrores de Drácula. Naquela noite, Jonathan estava com Quincey, procurando pelas caixas na estação ferroviária de Londres, pois investigaram e descobriram que as caixas vieram de Whitby para a capital de trem. Mina se preparava para dormir, eram dez da noite. Algumas horas depois ela acordou com um barulho estranho.

No escuro do quarto ela não via nada, mas quando seus olhos se acostumaram à **PENUMBRA** ela notou que uma névoa envolvia sua cama. Quando Mina a tocou, a neblina lentamente foi tomando a forma de algo longo e escuro. Essa criatura tinha olhos vermelhos. Mina não gritou. Estava fascinada com aquilo. Sentia-se muito pesada para falar ou pôr-se de pé. Aqueles enigmáticos olhos vermelhos se aproximaram muito dela, e depois disso, tudo se escureceu, e ela não viu nem sentiu mais nada.

-  **RANGER**: produzir barulho áspero
-  **ACATAR**: aceitar, obedecer
-  **PENUMBRA**: escuridão





Quando Jonathan chegou em casa, sua esposa dormia pesadamente e continuou dormindo até o final da manhã do dia seguinte. Quando acordou, Mina estava muito fraca e cansada. Sentia-se triste e angustiada. Lembrava de ter tido um pesadelo, mas não recordava dos detalhes.

Jonathan estava tão envolvido na investigação, busca e destruição das caixas que não percebeu o que estava acontecendo com seu amor. Drácula estava sugando a energia dela todas as noites. A cada visita do vampiro ela ficava mais fraca e mais seduzida por ele. Quatro dias após terem destruído as 29 caixas da mansão, Artur veio com a boa notícia de que havia encontrado outras caixas. Algumas estavam em Piccadilly, no centro da cidade, outras ao sul de Londres e outras na zona leste da capital. Drácula queria cercar a cidade. Artur obteve essas informações conversando com carregadores de empresas transportadoras.

Van Helsing **MUNIU** sua maleta com cruces, alho, água benta e estacas e, junto com Artur e Quincey, foram até a casa de Jonathan, avisá-lo e convocá-lo para a batalha. Quando chegaram lá, Mina chorava de modo **CONTUNDENTE**. Havia sangue em sua camisola e na sua boca e bochecha. Em seu pescoço Drácula havia deixado dois furos. Com os olhos cheios de fúria, Jonathan gritava:

— O maldito esteve aqui! Ele esteve aqui e atacou minha Mina! Eu falhei em protegê-la, doutor Helsing, eu falhei!

— Não se culpe, Jonathan. Ele disse que te mataria se eu gritasse. A culpa é minha, meu amor. Eu preciso...

Mina mal conseguia falar. O choro irrompeu por cima de suas palavras. Helsing lhe ofereceu um copo d'água e ela bebeu, respirou fundo e continuou:



— Jonathan, querido. Preciso dizer que ele me fez beber o seu próprio sangue. Ele fez um corte em seu peito e ordenou que eu lambesse seu sangue. Eu sei que isso parece nojento, mas na hora eu parecia gostar. Peço perdão, Jonathan.

— Você estava hipnotizada, minha jovem — disse Helsing, tentando acalmá-la.

— Drácula disse que agora eu sou uma serva dele, que irei ao encontro dele quando ele me chamar e que eu serei um instrumento dele contra seus inimigos... contra vocês!

Ao terminar a frase, Mina chorava mais forte ainda.

— Eu preferiria a morte do que ajudar aquele monstro! O que devo fazer, doutor?

 **MUNIR:** encher, carregar
 **CONTUNDENTE:** incisivo, penetrante

CAPÍTULO 11

Van Helsing aconselhou Mina a descansar enquanto eles iam destruir as caixas restantes. Se conseguissem matar Drácula, Helsing acreditava que Mina voltaria ao normal. Imediatamente eles se dirigiram aos locais assinalados por Artur. Precisavam agir antes que os poderes de Drácula dominassem Mina por completo, por isso corriam o risco de enfrentá-lo inclusive à noite.

Artur, Seward e Quincey rumaram para o sul da cidade. Jonathan e Helsing foram para o leste. Os cinco se encontrariam mais tarde em Piccadilly. Eles agiram com eficiência e três horas depois Artur e Seward haviam destruído nove caixões, jogando sua terra **PROFANA** no rio Tâmsa. Jonathan e Helsing puseram fim a outras oito caixas.

Quando se encontraram no centro da cidade, os caçadores exterminaram mais três caixões e Jonathan fez as contas: 29 caixões em Carfax, nove no sul, oito no leste e três no centro de Londres davam um total de 49 caixas. Estava faltando uma.

Cansados, eles voltaram para a casa de Jonathan. Helsing estava muito concentrado, pensando no que fazer para descobrir o **PARADEIRO** do último caixão. Em seu **LEITO**, Mina parecia mais pálida. Jonathan segurou sua mão e disse que haviam destruído quase todas as caixas e que tudo acabaria bem. Os outros homens discutiam planos de ação. Então Mina falou, com a voz fraca e meio rouca:

— Vocês não devem falar de seus planos perto de mim, porque eu sinto que Drácula é capaz de ver através de meus olhos.

Ao ouvir essa informação, Helsing teve um **SOBRESSALTO**. Aproximou-se de Mina e pediu silêncio na sala.

— Minha jovem, você diz que Drácula vê através de seus olhos?






— Sim, doutor. Eu sinto a presença dele dentro de mim, como se ele se comunicasse comigo e soubesse de tudo que se passa dentro de mim.

— Ele está nos vendo agora, meu amor? — perguntou Jonathan.

— Infelizmente ele está sim, Jonathan.

Jonathan ficou em frente a sua esposa e começou a gritar:

— Se você está me vendo, seu **CRÁPULA**, saiba que eu vou te matar. Vou fazer você pagar por tudo que nos causou. Você vai se arrepender de...

-  **PROFANA**: que é contrária ao sagrado
-  **PARADEIRO**: local, lugar
-  **LEITO**: cama
-  **SOBRESSALTO**: surpresa, inquietação brusca
-  **CRÁPULA**: canalha, calhorda





Helsing tocou o ombro de Jonathan e pediu que ele se acalmasse. Chamou os outros homens na sala ao lado, para que Drácula não os visse, e lhes falou:

– Tenho um plano. Vou hipnotizar Mina e tentar usá-la para ver através dos olhos do vampiro. Acredito que esse canal de comunicação entre eles deva funcionar dos dois lados, nas duas extremidades. Se Drácula vê através de Mina, ela deve poder ver através dele.

Assim, Van Helsing conduziu Mina a estados alterados de consciência e através da hipnose a fez enxergar “dentro” de Drácula. Aos poucos ela foi falando. Disse que sentia o balanço das ondas e ouvia o ranger da madeira. Ele estava num navio. Deitado numa caixa de madeira. Helsing descobriu que ela tinha acesso a pensamentos do vampiro e a fez revelar que ele estava fazendo a viagem de volta ao seu castelo. Precisava recuperar as forças e fugir dos inimigos.

Quando Helsing encerrou a sessão de hipnose, havia um sorriso em seus lábios:

– O vampiro está voltando para seu castelo. Temos um novo plano, cavalheiros. Precisamos chegar à Transilvânia antes dele e matá-lo antes que entre em seu castelo e se revigore. Só assim salvaremos Mina e outras vítimas que esse monstro possa ter feito.

– Mas como conseguiremos chegar lá antes dele, Helsing? – perguntou o **METÓDICO** doutor Seward.

– Drácula é uma criatura mística, usa meios de transporte rudimentares. Nós somos seres de um mundo civilizado. Vamos usar a tecnologia. Vamos tomar trens e fazer reservas de passagens e diligências via telégrafo e telegrama. Assim, poderemos ganhar tempo. Além disso Mina e Jonathan conhecem bem o caminho e certamente serão ótimos guias. Vamos nos preparar amigos, não há tempo a perder.

Seguindo um roteiro de correrias, viajando durante o dia e durante a noite, eles conseguiram chegar ao portão do castelo um dia antes de Drácula. Temendo os terrores daquela região **SÓRDIDA**, Helsing pediu que se agrupassem perto da entrada do castelo. Achava melhor esperar o raiar do dia para planejar uma **EMBOSCADA** contra o vampiro.

No entanto o grupo foi surpreendido pelo ataque das três vampiras já conhecidas de Jonathan. Insinuantes, elas se aproximaram na penumbra, dizendo:

– Mina, venha conosco, querida. Venha para nós, você é nossa irmã.

Jonathan reagiu violentamente às provocações das vampiras, jogando pedras nelas e gritando para que deixassem sua esposa em paz. Quincey o segurou

- ▶ **METÓDICO**: científico, criterioso
- ▶ **SÓRDIDO**: repugnante, nojento
- ▶ **EMBOSCADA**: cilada, armadilha

para que não fosse ao encontro daquelas criaturas das trevas, enquanto, sob as ordens de Helsing, Artur fazia um grande círculo ao redor deles, derramando água benta de um galão. Helsing dava cobertura a Artur usando seus colares de alho e seus crucifixos:

— Para trás, filhas de **BELZEBU**! Recuem, filhas do demo. Em nome do Senhor, voltem para o lodo de onde vieram.

Para desespero de Jonathan, muito enfraquecida, Mina levantou-se. Sua aparência era a de uma morta-viva. Profundas olheiras, os olhos totalmente negros, a pele fria e uma mancha negra no pescoço, ao redor da mordida de Drácula. Quincey e Jonathan a seguraram e ela fez menção de morder seu próprio marido. Helsing, presenciando a cena, jogou algumas gotas de água benta nela e disse:





— Aquiete-se, criatura, e deixe o corpo dela. Mina, tente controlar essa força do mal dentro de você. Senão teremos que amarrá-la.

Quando Artur completou o círculo de água benta, as três vampiras foram embora, pois não tinham como cruzá-lo. Com isso Mina se acalmou, permanecendo sentada junto a uma pequena fogueira que Helsing improvisara no centro do círculo. Passaram aquela noite em claro, ao som dos uivos insistentes dos lobos dos Cárpatos. Os ingleses ficaram de prontidão para o caso de aquelas mulheres demoníacas voltarem ou de algum lobo aparecer.

Ao amanhecer, Artur, Quincey e Jonathan comeram rapidamente um pouco de pão que traziam para a viagem e, munidos de água benta, alho, estacas e duas espingardas Winchester, infiltraram-se no castelo. Helsing ficou tomando conta de Mina do lado de fora. A garota parecia ter entrado num processo irreversível de **VAMPIRIZAÇÃO**. Helsing cria que, se não matassem Drácula naquele mesmo dia, ela viraria uma vampira para sempre.

Após acharem uma porta antiga numa das laterais da construção, os caçadores a forçaram e a arrombaram. Dentro do castelo o ar era mais pesado, os poros de Jonathan tremiam e seus pelos se arrepiavam. Não fosse pela companhia de seus amigos e pela necessidade de salvar Mina, jamais entraria lá novamente. Mas agora era preciso. Jonathan era o único que conhecia o local, por isso guiou seus amigos pelos estreitos corredores de pedra até acharem um corredor principal. Com tochas nas mãos eles seguiram pela **ALA** principal até encontrarem uma escadaria.

— É aqui — disse Jonathan. — É aqui que devemos descer. As vampiras dormem em caixões que ficam nos **CALABOUÇOS** do castelo. Fé em Deus, amigos. Tudo há de dar certo.

-  **BELZEBU**: príncipe dos demônios
-  **VAMPIRIZAÇÃO**: processo de se tornar vampiro
-  **ALA**: passagem, corredor
-  **CALABOUÇO**: porão, lugar sombrio



Unidos pela necessidade e pelo medo, os três desceram vários lances de escadas, até chegarem no local onde Jonathan havia visto pela primeira vez as cinquenta caixas destinadas à Inglaterra. Como ele havia dito, lá estavam os três caixões. Os homens os abriram um por um e, com estacas cravadas no peito, tal qual Helsing os ensinara, mataram as vampiras.

Depois de executarem o serviço, os matadores não puderam nem comemorar. Havia pouco tempo. Precisam voltar para a entrada do castelo junto de Helsing e Mina e preparar uma emboscada para Drácula.

Helsing sorriu ao vê-los. Os três estavam vivos e inteiros. Então Helsing contou qual seria o plano:

— Vamos espalhar esses troncos e galhos pela estrada, logo depois da curva. Assim, quando a carruagem se aproximar, o cocheiro terá de pará-la. Nossa vantagem começa aí, pois a diligência vai parar exatamente dentro do círculo de água benta. Espero que isso enfraqueça nosso oponente. Artur e Quincey ficarão escondidos na floresta com as espingardas, esperando minha ordem de ataque. Através da hipnose em Mina, vi que Drácula viaja protegido por alguns ciganos. Caberá a vocês, Artur e Quincey, dominar os ciganos. Eu e Jonathan ficaremos mais adiante com Mina. Drácula não poderá jamais passar pela gente, nem entrar em seu castelo, pois ele é praticamente **IMBATÍVEL** lá dentro. Vocês estão prontos, cavalheiros?




A resposta que se ouviu foi um sonoro:

— Sim!

CAPÍTULO 12

Um pouco antes do pôr do sol, a carruagem de Drácula se aproximou. Os estômagos dos ingleses queimavam de euforia. Artur e Quincey se prepararam em seus postos. O mesmo se deu com Jonathan e Helsing. O sol começava a tocar as altas montanhas da Transilvânia, e alguns flocos de neve caíam espaçados, quando a carruagem parou diante da **BARRICADA** feita pelos homens de Helsing.

Rebocada pela carruagem de seis cavalos havia uma espécie de vagão. Dele saíram vários ciganos armados com espadas. Artur e Quincey começaram a atirar. Alguns deles fugiram, dois caíram no chão gelado e outros se esconderam atrás do vagão. Quincey, muito **AFOITO**, deixou seu esconderijo e foi dar a volta na

-  **IMBATÍVEL**: invencível
-  **BARRICADA**: obstrução de passagem
-  **AFOITO**: com pressa, descuidado

carruagem, para surpreender os **CAPANGAS** de Drácula. O sol se afundava nos Cárpatos. Antes de Quincey conseguir atirar, um dos ciganos pulou em cima dele e sua Winchester foi parar embaixo do vagão. Os cavalos relinchavam. Quincey puxou seu facão da cintura e começou a lutar contra a espada do cigano. Artur estava lutando contra outro servo de Drácula na beira da estrada. Lobos uivavam cada vez mais perto.

Artur estava em dificuldades, quando Helsing cravou uma estaca nas costas do cigano que estava prestes a matar o ex-noivo de Lucy. Quincey não teve a mesma sorte. A espada do inimigo lhe rasgou o peito. Artur conseguiu atirar no cigano que ferira de morte seu amigo, mas já era tarde. Quincey estava escorado na roda da diligência. Helsing se aproximou, tentando salvá-lo.

– Doutor, uh, não perca tempo comigo... mate Drácula enquanto ainda é dia – disse o bravo Quincey Morris, forçando a mão contra o peito para estancar o sangue que lhe corria entre os dedos.

Rapidamente, os três homens restantes entraram na diligência na qual o quinquagésimo caixão repousava sobre uma mesa. Artur e Jonathan forçaram sua tampa e ela se abriu. Helsing segurava a estaca bem ao alto, quando Drácula abriu os olhos. O vampiro só teve tempo de ver a dura e afiada ponta de madeira lhe perfurar o torso, espetando o coração. Dias mais tarde, em seu caderno de **APONTAMENTOS** científicos, o doutor Abraham Van Helsing escreveria:




Foi como um milagre, porém bem diante de nossos olhos. No espaço de tempo de um suspiro o corpo inteiro do vampiro se esfarelou e virou pó instantaneamente.

*Algo que me deixa contente até agora e que, enquanto eu viver creio que me causará prazer, é a imagem de Drácula no momento final de sua **DISSOLUÇÃO**. Havia uma aparência de paz em seu rosto, instantes antes de desaparecer. Uma paz que eu jamais pensei que fosse possível numa criatura tão má.*

A partir do momento em que o monstro se desintegrou, os lobos pararam de uivar e os ciganos que haviam fugido voltaram e se comportaram de forma amigável, como se antes estivessem agressivos devido à influência de Drácula. Quando Helsing deixou a carruagem, Mina se aproximava dela. Ela havia voltado a ser o que era.

Artur, Jonathan, Mina e Helsing deram as mãos. Helsing olhou para Quincey que, antes de morrer, falou:

– Estou feliz por ter sido útil, não fiquem tristes por causa da minha morte. Valeu a pena lutar por esta... cof, causa justa... amigos. Olhem!

-  **CAPANGA:** segurança
-  **APONTAMENTO:** anotação, registro
-  **DISSOLUÇÃO:** ruptura, desintegração

Quincey Morris apontou seu indicador para a cabeça de Jonathan Harker. Nela o último raio de sol reluzia e o deixava com uma aparência rósea, iluminada. Ao mesmo tempo flocos de neve caíam sem pressa. Os ingleses se ajoelharam e juntos fizeram uma oração. O mal havia acabado e o branco da neve **IMACULADA** começava a cobrir as manchas de sangue.



ROTEIRO DE LEITURA

- 1) De qual cena do livro você mais gostou? Por quê?
- 2) De qual cena do livro você menos gostou? Por quê?
- 3) Se tivesse de escolher, que personagem do livro você queria ser? Por quê?
- 4) Que personagem do livro você jamais gostaria de ser? Por quê?
- 5) Drácula era imortal. Você gostaria de ser imortal? Quais seriam as vantagens e as desvantagens de ser imortal?
- 6) Escolha um trecho do livro e o represente com a ajuda de mais um, dois ou três colegas.
- 7) De qual substância Drácula se alimentava? Se vivesse em nossos dias, quais riscos o vampiro enfrentaria para sobreviver?
- 8) Você tem medo de vampiros? Do que mais você tem medo hoje?
- 9) Como você faz para enfrentar seus medos?
- 10) Você já viu algum filme de vampiros? Faça uma comparação entre este livro e o filme.
- 11) Escolha três palavras que você tenha aprendido ao ler o livro e escreva o significado delas com suas palavras.
- 12) Faça um mapa do trajeto percorrido por Jonathan desde a Inglaterra até o castelo de Drácula e o entregue ao professor de geografia.
- 13) A história se passa no final do século XIX. Quais novidades científicas e tecnológicas da época aparecem no livro?
- 14) Quais as diferenças na descrição de Londres e na descrição da Transilvânia?
- 15) Onde nasceu o autor do livro e em quais locais ele trabalhou? Se ele tivesse nascido na Romênia, você acha que o final da história seria diferente? Como seria esse final?
- 16) Alguns estudiosos do livro Drácula afirmam que Bram Stoker escreveu uma história sobre o conflito de uma sociedade tecnologicamente avançada contra uma sociedade mística e atrasada. Quais seriam essas duas sociedades? Você concorda com esse ponto de vista?
- 17) Hoje, em relação à Inglaterra, o Brasil é um país atrasado ou adiantado? Por quê?
- 18) Quais seriam os monstros da sociedade brasileira hoje?
- 19) Atualmente, como seria possível combater os “monstros” brasileiros?
- 20) Como o doutor Van Helsing combatia os vampiros?



Drácula

Bram Stoker

BIOGRAFIA DO AUTOR

Abraham Stoker, o escritor de uma das histórias de horror mais famosas do mundo, nasceu em Dublin, na Irlanda. Seu pai era funcionário público e queria que o filho seguisse na mesma profissão. Stoker teve uma infância difícil, pois estava sempre doente, com risco de vida e, até os sete anos, nunca podia sair de casa para brincar.

Quando se livrou das enfermidades, desenvolveu seu corpo e seus dotes atléticos na faculdade Trinity, onde também estudou Matemática e tornou-se presidente da Sociedade de Filosofia e da Sociedade de História.

Dos 23 aos 30 anos trabalhou como funcionário público do castelo de Dublin e manteve laços acadêmicos com sua faculdade, proferindo várias palestras na Sociedade de Filosofia. Apaixonado pela literatura, Stoker tinha um interesse profundo pelos poetas do período Romântico, correspondia-se com o poeta norte-americano Walt Whitman e tornou-se amigo do ator Henry Irving, chegando a escrever críticas teatrais para os jornais.

Como palestrante da Sociedade de Filosofia de Trinity, Stoker teve a chance de conhecer muitas pessoas interessantes, como os pais do escritor Oscar Wilde. Stoker e Wilde disputaram o amor de Florence Balcombe, uma linda jovem, filha de um importante militar. Bram venceu a disputa e casou-se com ela em 1878, aos 31 anos de idade. No mesmo ano ele se mudou para Londres para trabalhar como gerente do teatro de seu amigo Henry Irving. Até 1905, ano da morte do ator, Bram trabalhou ao seu lado como produtor, crítico e publicitário, colocando seu emprego à frente da família. Florence e Noel, seu único filho, sentiam sua falta, pois ele viajava muito pelas ilhas Britânicas e para os Estados Unidos a fim de promover os espetáculos da companhia teatral de Irving.

Durante esse período, dividido entre o trabalho e a família, Bram Stoker escreveu *Drácula* (publicado em 1897). Após a morte de Irving, Stoker continuou escrevendo ficção e textos jornalísticos até morrer, em 1912. Infelizmente suas outras histórias não conseguiram o sucesso de *Drácula*, que seria imortalizado por inúmeras versões cinematográficas no século XX.

